

Povos Indigenas no Brasil

Fonte *O Globo* Class.: *04*

Data *2 de Junho de 1978* Pg.: _____

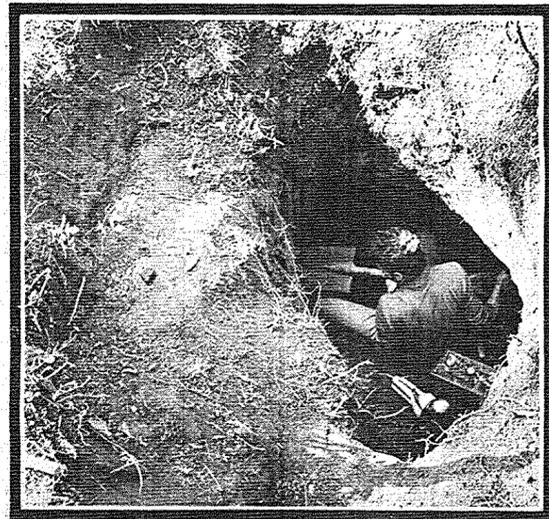
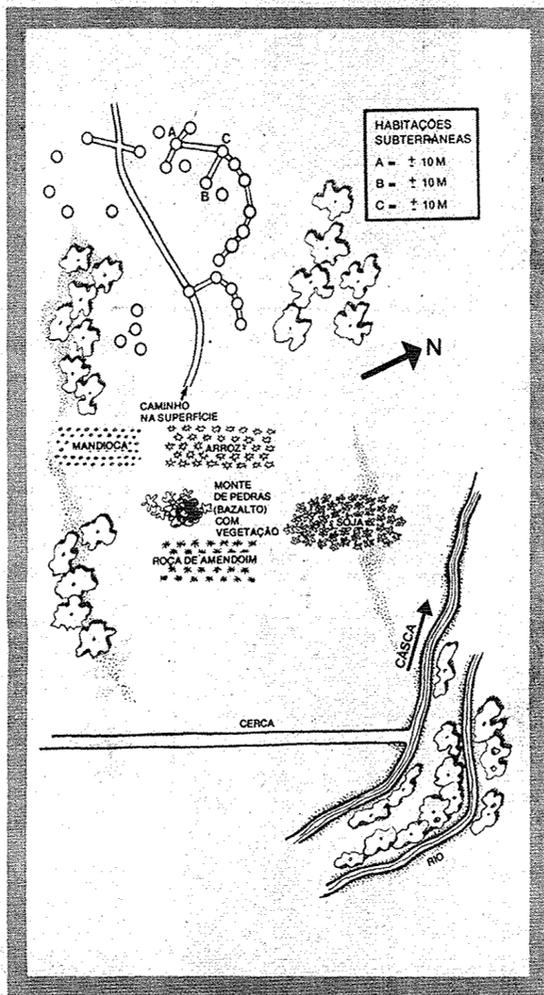
CASCA, A PRÉ-HISTÓRIA DO ÍNDIO GAÚCHO

Túneis, câmaras, galerias: há 2 mil anos, uma aldeia

PORTO ALEGRE (O GLOBO) Em um matagal onde florescem ângicos, pessegueiros bravos, canela fina, camboaba e muito capoeirão, a sete quilômetros da sede do Município de Casca no Planalto Gaúcho, quatro professores da Universidade de Passo Fundo pesquisam desde o dia 28 de abril um sítio arqueológico de habitações indígenas subterrâneas, formado por túneis, galerias de câmaras, construídas entre um metro e meio e dois metros abaixo do solo. Baseados nos primeiros indícios encontrados — material lítico, corantes, carvão, — os professores acreditam tratar-se de habitações da Pré-História brasileira feitas por índios pertencentes à nação Gê.



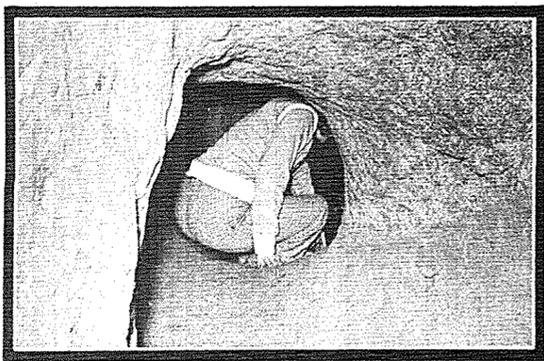
Norá Toledo e Antônio Boff descem a uma das galerias.



Os antropólogos retriram o entulho acumulado há séculos.

Segundo Norá de Toledo Boor, 38 anos, chefe do grupo, a idade mínima da aldeia é de dois mil anos. Ela está localizada em uma área de 10 hectares, são do período paleolítico. Norá espera apenas a confirmação através do teste de Carbono 14, a ser feito no carvão achado em uma das galerias subterrâneas. Ao contrário dos quatro professores envolvidos mais diretamente na descoberta, Fernando La-Salvia, do Museu de Antropologia da Secretaria da Educação, que integrou o grupo (com outros dois professores do Museu) nas primeiras escavações, não é taxativo em nenhuma afirmação: diz que ainda é cedo para se chegar a qualquer conclusão e que tudo o que se disser agora não passa de hipóteses do trabalho que poderão ser confirmadas ou não. O material encontrado só poderá ser estudado a partir do final deste mês. Mas, apesar da precaução, Fernando, que há 20 anos trabalha em Antropologia, reconhece: — A descoberta é sensacional, mas não podemos dizer que a aldeia foi construída por este ou aquele grupo, em tal época. Não se sabe muito a respeito da pré-história do índio gaúcho.

Em Santa Catarina, nos municípios de Caxias do Sul, e em Vacaria, aqui no Rio Grande do Sul, também foram encontradas galerias subterrâneas. Porém, não existem estudos ou publicações de espécie alguma sobre as galerias. Das 30 evidências (quer dizer: afundamentos do terreno) determinadas na superfície apenas seis foram escavadas, até o final da semana. Até agora, os quatro professores, auxiliados por dois alunos, conseguiram desentulhar e abrir completamente uma galeria, com 12,80 metros de comprimento. O túnel da entrada, em uma das extremidades, desabada, tem uma abertura de 0,80 centímetros e não é circular, com a forma quase idêntica à de um arco romano. Depois do túnel, surge o que os professores chamaram "câmara" ao longo da galeria já limpa, existem três "câ-



maras"; duas com um metro e meio de altura por um e meio de comprimento e outra com dois e meio de altura por dois de diâmetro, com o formato de abóbada. Norá observa: — Se temos 30 evidências, deveremos ter, no mínimo, 90 galerias com as suas respectivas câmaras. Essas evidências desabaram por serem justamente as mais amplas, com até três metros e 140 cm de diâmetro por cinco metros de altura. Esses locais maiores, acreditamos, serviram de salas onde havia a oficina, o ateliê e também onde se colocava o braseiro que aquecia o restante das "câmaras", que seriam dormitórios. Isso também fica evidente pelo fato de, nas salas, estarem localizados os respiradouros. Em cada dormitório há espaço para cinco pessoas dormirem na posição fetal, que era a prática habitual dos nativos. Todas as galerias, segundo Norá, estão interligadas, formando uma espécie de grande formigueiro. E como poderia uma edificação subterrânea, sem nenhuma espécie de sustentáculo, não sossobrar? Adilson Mesquita, 35 anos, engenheiro agrônomo, especializado em solos, outro dos integrantes do grupo, diz que as construções desafiam as leis da física: — Não podem ser encastradas em nenhuma espécie de arquitetura. O terreno em que se localizam as habitações é sinuoso, com pequenos montes, tem uma inclinação de dois e meio a quatro por cento, sendo basicamente argiloso, de bastante compactação, com a presença de basalto e ágatas. As galerias seguem as sinuosidades do terreno, situando-se em meio aos montes. Afóra isso, a própria construção obedece a um traçado sinuoso. Segundo Adilson, caso fossem construídas num terreno plano, em linha horizontal, não resistiriam. A cadeia de galerias segue uma trajetória em esse, partindo da direção Sudoeste para Leste. Por estarem em declive, explica Adilson, e por ser o lençol de água muito baixo no local, as habitações não tinham problemas de infiltração de água. A área fica a 630 metros acima do nível do mar. Sobre as câmaras que os professores acreditam ser as salas e os túneis de interligação, existem pequenos buracos cujo diâmetro varia de 30 a 60 centímetros. Esses orifícios, segundo Norá, serviam de respiradouros. Eles são afun-

ilados e verticais. As aberturas na superfície estão sempre inclinadas para Sudoeste, o que favorecia a renovação do ar. — Esses respiradouros ficam na câmara maior, onde pensamos ser a sala, justamente para evitar que o ar frio das noites do planalto incidisse sobre os habitantes. Depois de retrair um entulho de terra, acumulado ao longo dos anos, de 80 a 80 centímetros de espessura, das paredes internas das galerias e túneis, os professores chegaram à conclusão de que as habitações foram ocupadas em três fases distintas, já que foram três as camadas retiradas para se atingir o piso que ser seria o original. Reconheceram as fases de ocupação através da estratigrafia do solo. No chão original encontraram muito material lítico, o que os levou a deduzir que poderia ser forrado de pedras. Todas as paredes internas, conforme constataram, foram queimadas, dando maior firmeza à argila. Em algumas paredes das Câmaras existem nichos de 30 cm um metro e 40 de profundidade. Para os professores, serviam de depósito de artefatos de guerra e utensílios de uso constante. Os professores descobriram também entradas de túneis que não aparentam ter nenhuma ligação com a rede de galerias: acreditam ser entradas falsas, apropriadas para confundir possíveis inimigos. Em uma roça de milho localizada mais abaixo das habitações, foram encontrados restos de cerâmica. A 800 metros deles existe um rio e, a menos de 500, estão dois cemitérios que os professores acham terem pertencido aos habitantes da aldeia. Detectaram os cemitérios porque, ao redor de uma pequena elevação, há um círculo com vegetação rasteira, diferente dos arbustos da região. O círculo teria surgido pela prática da dança fúnebre. Toda a área, há 30 anos atrás, era revestida de pinheirais. Norá, ao contrário de Fernando, afirma convicta: — Acreditamos ter encontrado habitações características de um grupo pertencente à nação Gê em transição. As galerias seriam o segundo estágio habitacional desses indígenas: primeiro, as cavernas, depois, as galerias subterrâneas e, finalmente, as choças. Das choças, os Gês, como as outras nações, passaram a habitar as reservas da Funai. Junto às galerias encontramos algumas casas, o que comprova a tese da transição. Segundo Norá, as casas subterrâneas eram cavadas no solo, tinham uma viga de madeira de sustentação no centro, ficavam camufladas em meio à vegetação e recebiam uma cobertura de pedra e madeira. As paredes internas tinham reboco de argila queimada e o chão, forração de pedras. Nos 200 sítios arqueológicos que o grupo pesquisou até agora, foram encontrados vários agrupamentos de casas subterrâneas, que por meio do teste do Carbono 14 foram situadas em 417 depois de Cristo. Apesar de não querer dar a localização exata, Norá diz que a quatro quilômetros do sítio das galerias eles localizaram uma aldeia de casas subterrâneas completa. Explica que essas aldeias costumam ter de seis a 20 casas aglomeradas em círculo, além de outras casas que ficam mais distantes: teriam a função de vigias das aldeias.



Balde, enxada, pá: os precários instrumentos de trabalho.

Essas habitações subterrâneas — esclarece Norá — são características da nação Gê, que somente num estágio muito posterior passou a habitar choças. Uma de suas peculiaridades, na verdade, é a habitação na própria terra, normalmente em meio a florestas. No caso das galerias, acreditamos que, como eram do período paleolítico, seus moradores viviam da caça, pesca e coleta, além dos saques das guerras. O machado de basalto lascado que encontramos — aliás, o único objeto encontrado até agora tem forma lunar: servia para rituais. Isso reforça a nossa suspeita, já que corresponde a outros achados em diferentes regiões do Brasil. Com eles foi demonstrado que as tribos da nação Gê dividiam-se em Sol e Lua. Os guerreiros pertenciam à divisão Lua e os coletores de alimentos e caçadores ao Sol. As afirmativas da pesquisadora são idênticas às dos outros membros do grupo: Antônio Leal Boff, 36 anos, diretor do Museu de Passo Fundo; Ari Carlos Ribeiro Moraes de Fernandes, 37 anos, professor da Universidade de Passo Fundo; além de Adilson. Um grupo que poderia ser considerado amoroso, mas cujas afirmações, pela experiência e conhecimento, são feitas com segurança, sem o temor de que, depois dos exames, haja algum desmentido. Essa atitude contraria a de Fernando La Salvia, que considera tudo muito prematuro ainda para se anunciar algo com firmeza. Já que foram três as camadas retiradas para se atingir o piso que seria o original. Reconheceram as fases de ocupação através da estratigrafia do solo. No chão original encontraram muito material lítico, o que os levou a deduzir que poderia ser forrado de pedras. Todas as paredes internas, conforme constataram, foram queimadas, dando maior firmeza à argila.

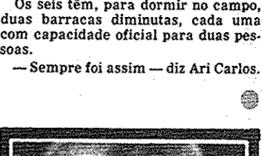
Arqueologia no Brasil não tem apoio nenhum. Pela falta de recursos, é muito difícil a realização de qualquer trabalho de pesquisas. Invariavelmente, tiramos dinheiro de nosso bolso. No trabalho com as habitações subterrâneas, eles receberam um apoio da Prefeitura de Passo Fundo, que lhes deu 80 litros de gasolina, e da Universidade, que os dispunha do comparecimento às aulas. Como também são professores do estado, aguardam ansiosos a oficialização de medidas no mesmo sentido. Existe a promessa da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul de lhes fornecer uma verba de Cr\$ 40 mil, quantia que poderá aumentar para Cr\$ 100 mil.

Nora foi a precursora do grupo. Faz oito anos que ela iniciou pesquisas arqueológicas na área do Planalto. Os outros se uniram a ela há três anos. Esperam, a partir da descoberta das habitações subterrâneas, um apoio maior. Talvez a nossa descoberta abale certas estruturas. Afinal, não somos "profissionais" da arqueologia. Encontramos algo a que muita gente, mesmo com dezenas de anos de trabalho, não chegou nem perto. Estamos com medo de sofrer pressões. A declaração é de Adilson Mesquita. Exemplifica a situação com o caso do companheiro Ari Carlos, que de tão nervoso deixou de comer durante dois dias. Nora perdeu seis quilos, mas foi pelo desgaste do trabalho.

Existem forças estranhas — continua Adilson — na jogada da Arqueologia. Muitos trabalham aqui, colhem o material e depois o revendem para o exterior. Tem gente recebendo o apoio de organismos internacionais. O nosso mal é que divulgamos a descoberta: isso pode desagradar a muitos por aí. A situação em arqueologia é tão grave que o pesquisador não pode nem ao menos falar muito. Caso contrário, tem pessoas capazes até de tomar posse de um sítio arqueológico que por ventura se descobria. Apesar dos problemas, o Grupo nestes três anos de trabalho, além de catalogar duzentos sítios arqueológicos, a maioria no próprio Município de Casca, encontrou objetos como uma urna funerária fabricada por índios da nação Tupi-Guarani. A peça, praticamente intacta, foi datada em oito mil anos. Até hoje, o grupo não fez nenhuma publicação, mas pretende, a partir das conclusões mais definitivas a respeito das habitações subterrâneas, lançar um estudo.

Enfim, a descoberta está feita. Mesmo que tudo o que diga seja prematuro, um detalhe não o é, como assegura Adilson Mesquita: — A descoberta é mais uma prova da racionalidade, da simplicidade, do aproveitamento da natureza, com respeito, pelos indígenas. Algum arquiteto faria o que eles fizeram sem sustentação? sem cálculo? O trabalho dos professores e de seus alunos junto às habitações indígenas subterrâneas é quase incipiente. É visível a falta de recursos, de que tanto reclamam: dispõem de pás, enxadas, um balde e um pincel. Os seis têm, para dormir no campo, duas barracas diminutas, cada uma com capacidade oficial para duas pessoas. — Sempre foi assim — diz Ari Carlos.

Material pré-histórico encontrado nas escavações. Antes dos exames, a maior cautela.



Material pré-histórico encontrado nas escavações.

ção de não fazerem nenhuma afirmação por enquanto.

Estamos trabalhando com algo sério, com repercussões no exterior, e não podemos nos expor ao ridículo de falar algo para, depois não ser confirmado pelos exames — diz Fernando.

São as primeiras escavações de galerias no Brasil, embora já tenham sido localizadas algumas em Santa Catarina. Talvez nunca se possa precisar que grupo ali habitou. Na verdade, as galerias subterrâneas de Casca têm elementos idênticos e construções do mesmo gênero das encontradas no Canadá e, principalmente, na China. E o que podemos dizer por enquanto é que os túneis que interligam as galerias podem ser diferentes entre si. Mas nem podemos dizer para que servem. Segundo Moacir, os professores do Museu é que coordenaram as escavações. Voltou a reafirmar que a primeira fase de escavações foi interrompida e que somente depois de setembro voltarão ao local. Disse que o trabalho que os professores de Passo Fundo ainda realizavam era de complementação, não querendo admitir que eram escavações. Aliás, sobre os professores de Passo Fundo, Moacir afirmou: — Eles descobriram o lugar, por enquanto não colocamos nenhuma restrição quanto ao que estão dizendo, pois não estão ligados oficialmente à Secretaria.

Na próxima semana, Fernando irá a Passo Fundo para acertar os últimos detalhes da ligação dos professores junto ao Orgão. A partir daí, eles estarão proibidos de falar. Nem uma descrição para o que serviam as galerias os membros do Museu arriscam a dar: — Não podemos dizer que as galerias serviam para isso e para aquilo, nem mesmo definir certos orifícios como respiradouros. No local, também existem buracos de Tatu. Integramos um organismo governamental e temos que ter precaução — afirma Fernando. Os professores informaram também que a prefeitura de Casca deverá solicitar ao IBDF que torne a área uma reserva florestal.



Material pré-histórico encontrado nas escavações.

Antes dos exames, a maior cautela.

Nossa posição é de cautela. Somos funcionários do Estado. Representamos um organismo oficial e não podemos arriscar falando sobre hipóteses. Somente depois dos exames de laboratório do material coletado é que poderemos nos manifestar a respeito da descoberta das habitações subterrâneas. A afirmação é do diretor do Museu Antropológico do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação do Estado, Moacir Flores. Fernando La Salvia, Veroni Freire e Alexis Acauan, os três membros do Museu que, junto com os quatro professores de Passo Fundo, participaram das escavações iniciais, realizadas de 28 de abril a 13 de maio, reafirmaram sua po-